

Vista da cidade de Adem — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Flora

Deve-se o desenho d'esta, outr'ora, opulenta cidade maritima da Arabia, a Gaspar Corrêa, amanuense do grande Affonso de Albuquerque, e auctor das *Lendas da India*.

Escriptas ha hoje tres seculos, só agora se deram á estampa, por diligencia da academia real das sciencias, e a expensas do thesouro publico.

E todavia, para que se veja a incuria dos nossos antepassados — « Gaspar Corrêa, pisando as terras do oriente, quinze annos antes de Fernão Lopes de Castanheda, e começando primeiro que elle a lançar os alicerces da sua historia, conquistou para si os foros de decano dos historiadores dos feitos da India; e porque viu a maior parte dos successos que relata, e mesmo os que não viu, relata por miudo, guiando-se, não por tradições remotas e incertas, mas por informações fidedignas, tem um valor immenso para o estudo do periodo que abrangem as suas lendas. »

Assim o diz o erudito academico Rodrigo Felner, a quem a academia confiou, mui avisadamente, a direcção e annotação d'esta obra, de que já estão impressos tres volumes de suas 500 paginas de 4.° maximo cada um.

Merece attenta lição, por mui curiosa e bem trabalhada, a « noticia preliminar » com que o sr. Felner abriu o primeiro tomo. Ahi nos conta elle como em 1790 determinára a academia que se comprasse a « Historia da India » de Gaspar Corrêa, sem que todavia haja memoria ou registo por onde se saiba se era alguma copia ou o original.

O que o sr. Felner achou entre os papeis da academia, foi uma copia, assaz imperfeita, da maior parte do primeiro dos quatro volumes das *Lendas*.

Os tomos 2, 3 e 4, originaes, existiam na Torre do Tombo, sendo alli archivados na epocha da suppressão das ordens religiosas. Mais tarde, constando ao zeloso e mui intelligente official maior d'aquelle nacional archivo, achar-se n'uma loja de confeiteiro á Ribeira Velha, o primeiro volume das *Lendas*, indo examinal-o, reconheceu ser um apographo, isto é, uma copia tirada do autographo, e de letra pouco mais moderna que a do tempo em que escreveu Gaspar Corrêa, pelo que logo comprou este codice para a Torre do Tombo, pela quantia de 28$000 réis.

D'esta copia, de outra que existia na bibliotheca real da Ajuda, e da que já dissemos haver na academia das sciencias, é que o sr. Felner se serviu para a impressão do primeiro volume, com o insano trabalho de as conferir e concertar, notando á margem as variantes que entre ellas achou.

Este accuramento, e as notas que o estudioso academico promette dar no fim da obra, imprimem um caracter verdadeiramente academico a esta preciosa edição.

Sobre a biographia do auctor das *Lendas*, tambem o sr. Felner fez aturadas investigações, apurando, que em 1512 Gaspar Corrêa partíra para a India, na edade de dezeseis annos, com Jorge de Mello Pereira, capitão de uma armada de oito naus. Do serviço d'este Jorge de Mello passou para o de Affonso de Albuquerque, até este fallecer, voltando

ao reino pelos annos de 1526, feito moço da camara d'el-rei D. João III, e provido na escrevaninha da fortaleza de Sofala. Em 1527 foi nomeado cavalleiro da casa do mesmo rei, e escrivão dos armazens de Cochim, mercês de que ha registo dos livros da Torre do Tombo. Voltando para a India, presume-se que fallecêra em Goa, pouco depois de 1561. Por sua morte, comprou, n'aquella cidade, D. Miguel da Gama, filho do segundo conde da Vidigueira, os quatro tomos das *Lendas*, e foi este de certo quem os trouxe para Portugal.

Da primeira parte do II tomo d'este precioso inédito, que traz o desenho lithographado da cidade de Adem, é que foi reduzida a gravura que hoje apresentâmos, como antiguidade digna de ser conhecida.

Tambem a acompanharemos da descripção que d'ella nos faz o desenhador e historiador Gaspar Corrêa, assim como do assalto que deu Affonso de Albuquerque a esta cidade para a tomar á escala vista, o que não pôde conseguir, incendiando, porém, a armada que guardava o porto.

A segunda vez que el-rei D. Manuel enviou para a India Affonso de Albuquerque, em 1506, capitaneando uma esquadra de quinze velas, foi com destino de bloquear o estreito do mar Roxo, para tolher a navegação das naus de Meca, vindas da India com especiaria.

Esta commissão só a pôde desempenhar em 1513, logo depois da famosa conquista de Malaca.

Junto ao estreito, na costa da Arabia, fica a cidade de Adem, inexpugnavel por natureza e arte. Como o rei d'esta provincia não quizesse fazer pazes com o rei de Portugal, Affonso de Albuquerque lhe deu um assalto formidavel.

Para se confrontar o nosso tão conhecido João de Barros, com o ainda tão ignorado Gaspar Corrêa, poremos primeiro a breve descripção que na segunda decada da sua *Asia* fez João de Barros, e depois o que escreveu Gaspar na *Lenda* de Affonso de Albuquerque. O leitor attento notará que este é muito mais copioso e melhor observador.

Diz Barros:

«A cidade, do sitio e parecer de fóra, é coisa mui formosa, porque além da parte que jaz ao longo da ribeira ter bons muros, torres, e muitos edificios, e casarias altas de sobrados e eirados, toda aquella chapa de serra que jaz na vista do mar té o seu cume, é uma pintura d'ella, obra da natureza e o mais da industria dos homens; porque, como esta serra é pedra viva, vae toda em picos tão crespos e dobrados, que tem similhança de fortaleza, e sobre elles edificaram muitos castelletes e torres, e de uns aos outros, onde ha quebrada, lançaram muro, como defensão d'ella. Em si não tem mais agua que algumas cisternas, e a nadivel [1] de que bebe fica-lhe na outra face d'aquelle muro, que dissemos ser serventia da terra firme. Por carreto lhes é trabalhosa de trazer, que sobem da povoação té o alto dos castellos da serra, e depois tornam a descer ao pé d'ella a um chafariz onde a recolhem. Esta cidade, posto que antigamente foi mui rica e celebre, com a nossa entrada na India se fez mais, que os principaes mercadores que viviam em Calecut, Cananor, e por toda aquella costa da India, e assim de dentro do mar Roxo, na cidade Judá, se passaram alli. A causa foi porque, antes que navegassemos aquelles mares, eram navegados pelos moiros sem temor de lh'os alguem impedir; e partiam do porto de Judá, com as mercadorias do Cairo, e d'aquelle estreito, nos mezes da navegação, em que cursam os ponentes, se lançavam pelas portas do estreito, fóra do caminho da India, sem terem necessidade de tomar a cidade de Adem; e quando tornavam da India, por o mesmo modo passavam por esta cidade e entravam as portas do estreito com os ventos léstes. Porém, tanto que por nossas armadas lhes foi impedida esta liberal navegação, como quem navegava a temor, faziam este caminho a pedaços, tomavam o porto de Adem, quando queriam entrar na India, e sabiam primeiro de nossas armadas, e segundo a nova assim faziam seu caminho, e muitas vezes não passavam, mas faziam commutação e commercio com as coisas que alli achavam da India.»

[1] Nativa.

Leâmos agora Gaspar Corrêa. Conta elle como Affonso de Albuquerque, a quem chama sempre respeitosamente o Governador, compozera a armada e gente que havia de ir para o estreito, em que foram (diz) vinte e quatro velas, naus grossas, e um navio, e uma galé, e uma galeota, e um bergantim, e uma caravella latina. Nomeia aqui todos os commandantes, e continúa. E d'esta sorte, muitos fidalgos e cavalleiros, gente mui lustrosa, que fez em toda a armada 1700 homens portuguezes com a gente do mar, e 600 malabares, em que havia muitos christãos a soldo, vindos de Cananor, e 400 canarins de Goa, uns e outros apercebidos de suas armas.»

Segue-se immediatamente a descripção da cidade, e o narratorio do assalto, d'este modo:

«Sendo o governador prestes, recolhida a gente, e a armada toda fóra da barra, deu a todos os capitães regimento do que haviam de fazer, e partiu da barra a 28 de janeiro do anno de 1513. Fez seu caminho á ilha de Çacotorá, e tomou no porto do Çoco, onde primeiro estivera nossa fortaleza, e ahi achou gente de paz, que vinha vender coisas de comer, a que o governador defendeu que lhe não fizessem mal nem força. Alli fez sua aguada, e teve prática com os capitães, dizendo que elle ia determinado commetter a cidade de Adem, a ver se a podia entrar e destruir, em que achariam riqueza com que toda a armada se carregasse de ricas fazendas, porque n'ella faziam escala todas as naus que iam e vinham do estreito, e que a cidade era tão possante de muita gente, e ella tão forte, que por temor não achariam no rei nenhum modo de concerto; que, portanto, lhe parecia bem que chegando, logo desembarcassem e commettessem a cidade, que com a ajuda de Nosso Senhor a entrariam e tomariam. A isto houve outros pareceres differentes, dizendo que era bem primeiro haverem falla com o rei da cidade, e que podia ser que achassem algum bom concerto, com que se escusasse de pelejar. Contra o que foi o governador, dizendo que tal não esperassem, porque nada haviam de achar senão guerra; que, portanto, outra coisa não havia a fazer senão, chegando, logo desembarcar e fazer a obra.

E com este proposito partiu, costeando a costa da Arabia Feliz, com que se poz a balravento de Adem. Então arribou á outra costa da Arabia em que está Adem, e foram á vista da cidade amanhecendo, que saido o sol, era formosa coisa de ver, porque está assentada ao longo da praia do mar, que faz como bahia aparcellada, onde não podem chegar os bateis senão com meia maré; e na frontaria tem um formoso muro com muitos cubellos redondos; da mão direita vae o muro entestar em uma piçarra de penedia talhada a pique, e da outra banda vae entestar em outra penedia, onde tem um morro que fica em ilhéo com prêamar, porque maré vasia fica todo em sêcco. Para além d'este morro vae um estreito onde se mettem as naus a carregar, que estão amparadas do ponente e levante, que n'aquella costa ventam com muita força, e fazem mal ás naus que estão de fóra. Ao pé d'este morro ha um baluarte roqueiro, que tirava muita artilheria ao longo da praia que guarda o porto. D'este baluarte sobe um muro em voltas até ao cimo do morro, onde

está um castello que tira artilheria para todas as partes.

A cidade por dentro é chã, com formosa casaria de muitos sobrados e janellas, e por cima terrados. Ao longo do muro, por dentro, corre uma rua por todo elle, ficando as casas afastadas do muro. N'este muro tem a cidade duas portas grandes, muito lavradas, ambas juntas, sobre as quaes estavam as casas do regedor da cidade, chamado Miramergem [1], casas de grandes lavores. No meio da cidade ha uma grande mesquita, que se vê do mar, com um mui alto alcorão [2]. A cidade será de comprido, ao longo da praia, tanto como um tiro de camelo [3], e de largura como metade, assentada ao sopé de uma serra de pedra talhada, que faz muitos picos, sobre que tem nove castellos, em que fazem almenaras de fogos para a banda do mar no tempo da monção dos navegantes, para que de noite não passem o porto por não o verem.

Estes castellos fazem defensão á cidade, em que estão capitães e gente, porque da outra banda é terra chã, com o que outros visinhos, tendo guerra com a cidade, de cima d'esta serra lhe podiam deitar tantas galgas de pedra que a destruiriam, porque está muito ao sopé da serra. Vem d'esta serra um caminho para a cidade, cortado na pedra, em cima do qual tem tres castellos sobre tres portas que ha no caminho, que se fecham de noite, que por outra nenhuma parte se póde entrar na cidade, senão por este caminho. Entre o morro do mar e a cidade é o varadoiro das naus, que mettem pelo esteiro. A cidade será de dez mil visinhos. Tem rei por si, sem obrigação de outro; é mui rico, do grande trato da cidade, e a maior substancia de mercadoria são mantimentos que aqui acodem, por causa das muitas gentes tratantes [4] que sempre estão na cidade a buscar e trazer mercadorias. A maior carregação dos mantimentos lhe vem pelo mar, em gelvas, que são barcas pequenas, e os trazem da costa da Arabia Feliz, que é a terra do Abexim, dos logares de Barbora e Zeyla, que lhe vem da terra dentro, onde ha a melhor manteiga, azeite de arvores, e gado vivo, que tudo trazem a vender a Adem, pelo que é mui abondada de todas as coisas; sómente não tem agua, que lh'a trazem em odres e camelos de dentro da terra; pelo que cada um tem em suas casas tanques de naus e grandes jarras, em que recolhe cada um a que ha mister, que tem muita em abastança, porque não custa muito o carreto. E porque a gente pobre não tem em que recolher muita agua, e se viesse guerra, que da serra não houvessem agua, haveria grande mal no povo miudo, para resguardo d'isto, tem a cidade uma casa apartada fóra, mui forte, argamassada como cisterna, que tem grande quantidade de agua, que abundará o povo um anno. Esta agua está sempre guardada, e se mette n'esta casa de esmolas que os moiros fazem quando morrem, e ainda sendo vivos; tambem se paga das penas da justiça dos malfeitores. D'esta casa para dentro da cidade vae um cano por debaixo da terra, cortado na pedra, por onde vem a agua quando querem vasar a casa para lavar.

Fiz d'isto lembrança, porque me pareceu grande primor do regimento da cidade, da qual, sendo vista nossa armada tamanha, houveram grande espanto, e todos os homens principaes se ajuntaram com o regedor, porque o rei não estava na cidade, que era ido a Zebid, que é d'ahi perto, onde estava por capitão um seu cunhado.»

Aqui refere miudamente Gaspar Corrêa quantas intimações e diligencias fizera o Albuquerque para que este regedor da cidade de Adem prestasse vassallagem a el-rei de Portugal. Escusava-se o arabe, dizendo, que na ausencia do seu principe não podia tomar similhante deliberação; mas Affonso de Albuquerque, suppondo que o rei estava occulto na cidade para se negar a esta vassallagem, mandou dizer terminantemente ao moiro «que todo-los reis e senhores da India obedeciam a el-rei de Portugal, com boa paz que lhes fazia, e senão com crua guerra que lhes fazia a fogo e sangue. Que portanto folgaria que elle fosse homem de razão, e quizesse com elle assentar boa paz, dando obediencia a el-rei de Portugal, que por isso lhe viria muito bem e proveito á sua cidade, porque el-rei de Portugal era senhor de todo o mar, e por elle não navegavam senão os que eram seus amigos. A nada se moveu o capitão Miramirzan, declarando a final «que em quanto vivesse o seu rei, não havia de tomar outro senhor senão o que tinha. E mandou logo disparar muitos tiros dos muros e baluartes da cidade sobre a armada de Affonso de Albuquerque, fazendo-lhe algum damno. Pelo que este ordenou aos seus capitães, que ante manhã, ouvindo uma trombeta, viessem em seus bateis á nau d'elle, trazendo escadas, vaivens, picões e alavancas para dar o assalto.

Recolhidos os capitães a seus navios, a gente gastou toda a noite com fazer cedulas e testamentos, e concertar suas armas e almas para o perigo da morte que temiam, e tambem porque o dia era para isso, que era quinta feira de endoenças.

Ao outro dia, sexta feira de endoenças ante manhã, o governador mandou tanger a trombeta, a que logo vieram os capitães em seus bateis, com sua gente armada. E porque o governador tinha já dito a cada capitão com quem se havia de ajuntar, assim juntos, um padre, de cima da borda da nau, lhes fez a confissão geral e absolvição; com que foram a terra e desembarcaram na praia muito á sua vontade, porque era préamar, e da cidade não saiu ninguem a lhes tolher a desembarcação, antes os moiros se occuparam a tapar as portas com paredes por dentro, fazendo-se fortes dentro nos muros, e atravessando as ruas com tranqueiras, que muito haviam medo que os nossos entrassem na cidade.

Garcia de Sousa, cubiçoso de ganhar honra, se fallou com João Pereira, o mulato criado da infante, de que já fiz menção atraz, e lhe muito rogou que lhe levasse seu guião, e trabalhasse por ser o primeiro que se pozesse em cima do muro. O que o mulato assim cumpriu, que inda o governador não era desembarcado, quando elle já estava subido ante as ameias no muro, bradando: Victoria! Victoria! Portugal! Portugal! O que sendo dito ao governador, disse: «Bento seja o ventre que tal filho pariu!»

Desembarcou toda a gente, e D. Garcia tomou á mão esquerda com seiscentos homens do seu esquadrão, com quatro escadas, e foi a uma porta que achou entupida por dentro com parede, e arvorou as escadas, por onde a gente começou a subir com sómente adargas e espadas, porque não podiam levar as lanças. Outro tanto fez o governador com outra tanta gente, em que Garcia de Sousa se apressou com sua escada, que foi o dianteiro, e Simão de Andrade, Lopo Vaz de Sampaio, D. João de Lima, Ayres da Silva, e outros fidalgos; e Jorge da Silveira em outra escada, e Fernão Gomes de Lemos, e Diogo Fernandes de Beja, com outros fidalgos; e em outra escada Pero d'Albuquerque, João Gomes Cheiradinheiro, D. João d'Eça, Alvaro de Castro, Antão Nogueira, Paio Corrêa, Jeronymo de Sousa, Pero Corrêa, Joanne d'Athaide, Diogo Soares de Mello; outra escada de Diniz Fernandes de Mello com Tristão de Miranda, Pero da Fonseca, Antonio

[1] Miramirzan escrevem João de Barros e Castanheda.
[2] Torre d'onde os ministros do alcorão chamam o povo a resar.
[3] Peça de artilheria de pouco alcance.
[4] Gente de trato commercial, a que d'antes se chamava tratantes, como aos homens de negocio chamâmos hoje negociantes.

Raposo, João de Figueiró, Diogo Mendes de Horta, e outros cavalleiros; e ante estes esquadrões Manuel Fidalgo e Ruy Gonçalves, com trezentos homens da ordenança. Henrique Homem, filho de João Homem, o nomeado em Portugal, que servia por cabo de esquadra na ordenança, tomou cem homens da ordenança, com seus piques, e com muito trabalho subiu pela piçarra em que entestava o muro da mão esquerda, e subiu em cima, que descobriu toda a cidade, onde não achou por onde descer para dentro, nem ir ter ao muro, porque a penedia era cortada a pique, e se deixou estar, o que fazia assombramento aos moiros. E estava olhando se os do muro se melhoravam, porque foi grande má fortuna as escadas ficarem curtas, que com muito trabalho um homem subia entre as ameias, e os que subiam, davam mão aos outros, no que havia muito vagar, mas o commettimento dos nossos era tão fervente, que sem embargo do trabalho e perigo não tinham soffrimento, commettendo todos para subir e entrar, cubiçosos de ganhar honra, como o mulato que primeiro que todos levantou no muro o guião de Garcia de Sousa. Com o qual trabalho, entrando os nossos, ás cutiladas e estocadas, os fizeram descer abaixo.

O segundo guião que subiu ao muro foi o de Jorge da Silveira, que elle levantou com suas mãos, e depois se levantaram cinco guiões sem gente, que não podia subir, e os que entravam corriam pelo muro, e se punham em um cubello em que estavam já Garcia de Sousa, Jorge da Silveira, Simão de Andrade, Lopo Vaz de Sampaio, Ayres da Silva, D. João de Lima, e com elles até setenta homens, onde já tinham lanças, e de nada se aproveitavam, antes recebiam muito mal, porque o cubello era aberto, devasso de dentro, e defronte d'elle e do muro a terra era tão alta como elle, que departia a rua que corria ao longo do muro, onde acudiu o Miramergem com muitos moiros, que com frechas e pedras cobriam os nossos, e os muito feriam e encravavam, a que os nossos não tinham mais que o amparo de suas adargas, que todos não tinham, e se amparavam com as costas, aguardando que a gente subisse para descerem a baixo e dar na cidade. Mas as frechas eram tantas, e tão de perto, que quando algum homem apparecia com a cabeça entre as ameias lhe pregavam frechas no rosto e olhos, com que alguns caíram das escadas, que como assim estavam carregadas da muita gente armada, foram rendendo até que quebravam e caíam uns em cima de outros, e se feriram. E os que podiam, corriam a subir por outras escadas, com que todas foram quebradas em pouco espaço. E porque a escada derradeira que quebrou, foi a de D. Garcia, os alabardeiros da guarda do governador, com as pontas das alabardas ajudavam a sustentar a escada, e quando esta quebrou, muitos homens ficaram espetados nas alabardas, de que morreram ou se feriram.

O que assim sendo, pelo querer de Nosso Senhor, D. Garcia e o governador acudiram ao pé do cubello para o abrir com picões, e acháram uma bombardeira que logo abriram, por onde entrava um homem, porque logo entrou Pero de Albuquerque, D. João d'Eça, e o padre Mergulhão com uma cruz posta em uma haste, e entraram até vinte homens, que correram e subiram pela escada ao muro. O que foi grande erro, que não deveram subir até não estar dentro muita gente, porque já estavam abrindo no muro outra bombardeira; mas os moiros, vendo os nossos que subiam ao muro, acudiram sobre a rua, deitando grandes pedras com que a entupiram, e com muita palha accêsa e lenha, que ninguem pôde mais entrar. O que do muro era dito ao governador que estava com grande dor do mal que via, e Jorge da Silveira lhe bradou dizendo: «Senhor, soccorrenos, senão todos aqui morremos.» O governador respondeu: «E eu tambem morrerei, porque vos não posso soccorrer.» Que logo os marinheiros lh'as deram acima em pontas de piques atados uns nos outros, que os do cubello tomaram, e voltaram de redor das ameias, por onde se deitavam abaixo, e com tanta pressa que muitos caiam, e D. Garcia bradou a Garcia de Sousa que descessem todos. Elle respondeu: «Não sou homem que hei de fugir á morte por cordas». Então se saiu pelo muro, e assim Jorge da Silveira, e D. João de Lima, Lopo Vaz de Sampaio, João Pereira, Ayres da Silva, Diniz Fernandes de Mello, e outros, que seriam até trinta homens, já muitos feridos; e correram o muro, e desceram pela escada abaixo á rua, e foram buscar a bombardeira, porque já eram saídos os que entraram. O que vendo os moiros, acudiram abaixo á rua, onde os nossos se metteram com elles ás cutiladas e lançadas, e os fidalgos na dianteira, onde Garcia de Sousa não podia pelejar com a lança, por não poder largar a adarga, que era como rodela feita como as adargas dos malvares, e a trazia encravada no braço com as frechas que a atravessavam, onde alli foi morto de um zaguncho de arremêsso; onde uns pelejavam e outros buscavam salvação pela bombardeira por onde saíram. Mas o bom capitão Jorge da Silveira, vendo cair Garcia de Sousa, acudiu sobre elle para o salvar ás lançadas com muitos moiros. Inda que muito ferido, estimou mais a honra que a vida, caindo de uma pedrada que lhe deram, e foi morto, e todos feridos os que saíram pela bombardeira. Ficaram dentro mortos os ditos bons capitães, com quarenta homens mortos na rua, e em cima no cubello e muro, onde os moiros subiram, pozeram os guiões que tomaram e as cabeças dos mortos nas pontas das lanças, atirando muitas frechadas e pedradas; e d'ahi começaram a atirar com muita artilheria, mórmente um tiro ao longo do muro.

O governador mandou a D. Garcia, que com sua gente fizesse caminho para as portas da cidade, mas indo, o governador mandou sua bandeira que o fez tornar a recolher. O governador com grande pressa fazia recolher a gente aos bateis, do que os homens agastados se queixaram, porque assim os apressava, pois da cidade não saía ninguem que lhes fizesse mal. Elle respondia: «Quero que vejam os moiros que vos faço embarcar e recolher por força, e não que imos fugindo». Com o que fez recolher toda a gente nos bateis, e tambem os corpos dos mortos, que antes quiz sepultal-os no mar que os moiros n'elles fazerem gazua [1].

O Miramergem mandou despir as armas aos mortos, e assim conheceu os capitães pela riqueza das armas. Levados os corpos acima, e defronte do cubello onde pelejaram, mandou enterrar Jorge da Silveira e Garcia de Sousa, ambos juntos e sobre elles mandou fazer sepulturas de pedra, como de moiros honrados, com degraus, e ás cabeceiras pedras altas com letras cortadas que contavam o feito. E seus guiões todos, que foram cinco que ficaram dentro, os pozeram em páos sobre as sepulturas; e todos os outros mortos enterrados junto com elles, com cada cova uma pedra á cabeceira, e letras que diziam *frangue*, que quer dizer *christão*. Isto foi visto depois por alguns portuguezes, quando lá foi Heitor da Silveira, como adiante direi.»

Gloria singular é a de Portugal, que nem no reino, nem em toda a monarchia, domina um só palmo de terra que não fosse conquistada a infieis.

[1] Retalhar, fazer em postas.

CEIFADOR MECHANICO DE BURGESS E KEY

Por muito tempo esteve a agricultura privada dos grandes beneficios que a mechanica presta á industria, no invento ou aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, talvez porque lh'os não podia pagar. Mas logo que alguns lavradores ricos chegaram a conhecer bem os seus verdadeiros interesses, e se fez mais sensivel a falta de braços, a grande cultura prosperou com a multiplicidade de machinas e dos instrumentos aratorios de que hoje usa.

Entre nós tem ido vagarosamente este progresso: comtudo, os nossos agricultores vão acceitando os novos inventos com reconhecida e confessada vantagem.

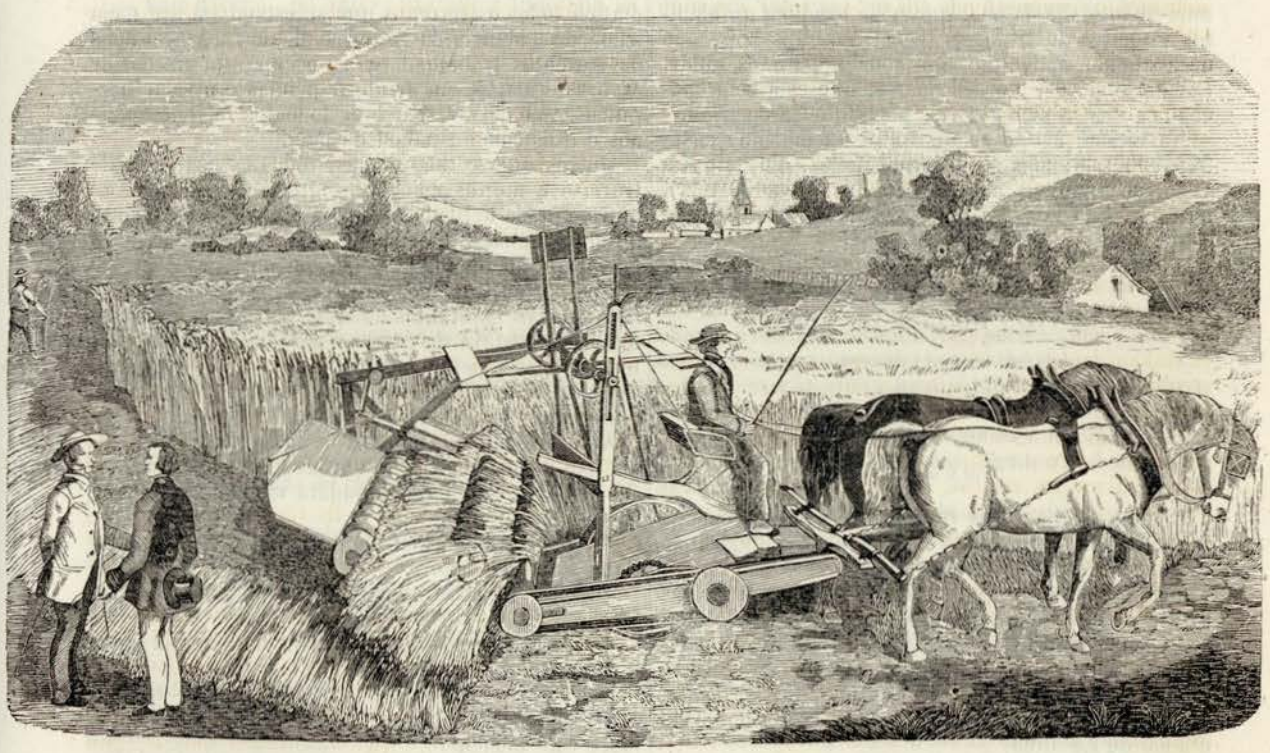
O ceifador mechanico, para um paiz como o nosso, onde o sol ardente do estio causa tantas febres aos segadores, e cada vez é maior a carestia dos trabalhadores, devia ser mais ambicionado, acceito, e adoptado geralmente. Mas parece que não.

Á exposição universal de Paris, de 1855, concorreram 16 machinas de ceifar. 7 das quaes, apenas, foram submettidas ás provas publicas.

O sr. J. de A. Corvo, professor de engenheria rural, que na qualidade de delegado do governo portuguez assistiu ás provas, e fez parte do jury, comprou para o Instituto Agricola de Lisboa o ceifador de Mac-Cormick, por ser mais simples, de menor força de tracção, e trabalhar perfeitamente.

O primeiro lavrador que mandou vir de França esta machina, para a sua leziria do Ribatejo, foi o sr. Gerardo Braamcamp. E do resultado que d'ella tirou, deu conhecimento ao publico n'uma carta publicada na *Revista Agronomica* de junho de 1857.

Ahi diz o sr. Braamcamp, que o ceifador de Mac-



Ceifador mechanico de Burgess e Key

Cormick é para trabalhar com cavallos, porém que na falta d'elles, capazes e robustos para este serviço, servem os bois, e d'elles se consegue com toda a velocidade o andamento e acção da machina. Para isto basta dois homens, o que váe guiando o gado, e um empaveador que tire do taboleiro o trigo que váe caindo ceifado, e o disponha no restolho em pavêas.

O sr. Braamcamp acrescenta que o trigo ceifado por esta machina ficára tão bem cortado como se o fôra por mão de homem. E que o termo medio do trigo ceifado, diariamente, correspondêra a 66 alqueires de grão, isto é, ao trabalho de 36 a 40 foices.

O sr. dr. José Vaz Monteiro, tambem lavrador do Ribatejo, deu eguaes informações ao publico, ainda com maiores louvores, do ceifador de Mac-Cormick, no *Diario do Governo* 175 de 1857.

São estas as lembranças que temos a respeito d'este ceifador mechanico; e tambem sabemos que se fazem nas fabricas de Lisboa.

Na recente exposição industrial de Paris appareceu este ceifador muito aperfeiçoado pelos engenheiros Burgess e Key, e d'este é que damos o desenho, tirado do novo *Journal des Connaissances Utiles*.

Consta-nos que o sr. Bachelay já os tem feito.

Aos nossos agricultores illustrados cumpre examinar esta nova machina, porque além dos lucros que lhes provém da melhoria dos instrumentos aratorios, vemos sobretudo n'elles uma questão de hygiene, isto é, de humanidade, porque o tempo das ceifas arruina e mata muita gente do campo.

Posto que este ceifador seja a primitiva machina de Mac-Cormich, os fabricantes inglezes Burgess e Key a simplificaram de modo que apenas necessita de um só homem para trabalhar. O aperfeiçoamento consiste n'um cylindro, que váe gradualmente depondo no chão o trigo, já ceifado, que a machina lança no taboleiro. Este trabalho, que na machina de Mac-Cormick era feito por um engavelador, na de Burgess e Key dispensa-se.

Tão importante pareceu ella ao jury francez, da ultima exposição industrial, que só por poupar dois braços, conferiu unanimemente aos fabricantes inglezes, além do premio pecuniario de mil francos, o

premio honorifico de uma medalha de oiro, destinada ás machinas estrangeiras.

Nas experiencias feitas perante o jury, esta machina ceifou mais de sessenta ares (1236 braças quadradas) n'uma hora, sobre uma zona da largura de $1^m,70$.

O sr. dr. Rodrigo de Moraes Soares, director da repartição de agricultura, no ministerio das obras publicas, fundador do *Archivo Rural* [1], excellente jornal de agricultura, que se publica bimensalmente n'esta capital, dignou-se informar-nos de que em Portugal ha já mais de trinta ceifadores mechanicos de Burgess e Key.

Do trabalho d'esta machina, feito no anno passado, na lavoira dos srs. Borges de Sousa, dá o sr. Moraes Soares, como testimunha presencial, ampla noticia a pag. 337 do vol. II do seu *Archivo Rural*. Ahi se diz que esta machina ceifa por dia, regularmente, cinco hectares (10:303 braças quadradas), isto é, uma quantidade de pão, que póde produzir quinhentos alqueires de trigo. É tirada por dois bois, não necessitando mais que um homem para os guiar. Calcula o sr. dr. Moraes Soares, que esta ceifa mechanica vem a sair a 6 réis por alqueire de trigo.

No mesmo artigo se diz que esta machina custa 240$000 réis; mas n'um jornal inglez, que temos á vista, se annuncia ella por 40 lb. (180$000 réis), na fabrica de Londres, 23 Newgate-Street.

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 227)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

VIII e ultimo

A alma de Santiago resuscitava cem vezes mais formosa do que quando se finára. N'este milagre não cabia pequena parte a Catalina.

Havia dois mezes que o indiatico percorria diariamente o valle, semeando beneficios e colhendo bençãos. Cada benção augmentava-lhe um grão á belleza da alma, e outro grão á belleza do corpo. D'este modo, corpo e alma de Santiago trasbordavam saude e formosura, e outro tanto succedia ao corpo e alma de Catalina.

Uma tarde de verão estavam Catalina e Santiago sentados á sombra, debaixo da mesma cerejeira onde havia mais de onze annos o vimos dançar uma roda. Santiago, que de manhã dera o habitual passeio pelas herdades circumvisinhas, contava a Catalina a felicidade interior que notára em casa de vinte familias pobres.

— Catalina! — disse elle de subito, fitando os seus vivos olhos nos olhos ternissimos da donzella — sabes que vou casar-me?

Catalina tornou-se de repente pallida como um cadaver, e teve que apoiar-se ao tronco da arvore para não cair. Ao contrario, estranha alegria brilhou no rosto de Santiago, quando observou o effeito que tinham produzido as suas palavras.

— Com quem, meu irmão? — perguntou Catalina com voz tremula.

— Com os pobres, — respondeu immediatamente Santiago.

A vida pareceu voltar ao alterado semblante de Catalina, que apertou a mão de Santiago com immenso carinho.

— Sim, vou casar com os pobres, — continuou Santiago — proporcionando-lhes pão e trabalho, porque sou rico. De que serve a riqueza senão para acudir aos necessitados? Verás que amor e que felicidade vae reinar n'este consorcio. Não dizias tu, n'outro tempo, que não desejavas habitar no ermo, antes querias viver acompanhada, ao pé da egreja, e ter um jardim? Vão-se cumprir os teus desejos.

— De que modo, Santiago?

— Permitte-me, diplomaticamente, a reserva n'estes assumptos; só posso dizer-te que no futuro, Ipenza apparecerá nos diccionarios geographicos e estatisticos, pelo menos, com 31 fogos, uma egreja parochial e um lindo jardim.

Quinze dias depois d'esta conversação entre Catalina e Santiago, occorria em Ipenza, ou antes no concelho de G., uma grande novidade; comprára o indiatico todos os terrenos que se estendiam até meia legoa de distancia da propriedade de Ipenza, e mais de trezentos trabalhadores se occupavam em cortar arvores e matto, em arrancar penhas e nivelar barrancos, em deixar, em fim, todos os terrenos plainos e lisos como a palma da mão.

Outros quinze dias depois, todos os pedreiros de Guriezo e muitos mais se occupavam em cercar de muro aquella herdade, que fôra já dividida em trinta quinhões iguaes, e cada um com entrada por largo portal que os operarios deixavam no muro.

Uns por curiosidade, outros por interesse particular, todos os habitantes do valle perguntavam ao indiatico se tratava de cultivar por sua conta aquellas terras, ou se, pelo contrario, pensava em arrendal-as; porém Santiago fugia á resposta, pretextando que ainda não resolvêra nada a esse respeito.

Apenas terminada aquella obra, deu principio a outra não menos custosa, e que devia excitar a attenção publica; o indiatico mandára vir um architecto e disse-lhe:

— Quero transformar em lindo jardim a horta contigua á minha casa.

— Não ha inconveniente, — respondeu o architecto.

— Quero, além d'isso, construir uma egreja entre o nogueiral de Ipenza.

— Tambem não haverá inconveniente, — disse o architecto para Santiago, e juntou para si: Estará louco este homem?

— Quero, finalmente, construir aos lados da egreja e da minha propriedade trinta casas compostas de espaçosa cavallariça, commoda vivenda no andar principal, com sotão ventilado e largo.

— Porém, sr. Santiago, — replicou o architecto desconfiando da encommenda, — sabe o senhor...?

— Sei que tenho muito dinheiro para gastar, e ainda ha de restar-me bastante. Faça-me o orçamento da despeza, e quanto antes melhor, que desejo concluir estas obras e emprehender outras mais agradaveis para mim e para mais alguem.

— Vou já tratar das obras como deseja.

Alguns mezes depois o jardim, a egreja e as trinta casas estavam feitas. Então, um dia de manhã cedo, desceu o indiatico ao valle, e conferenciou a sós com o tabellião deixando-lhe uns apontamentos. Decorreram, porém, semanas e mezes, e o novo logar, até já com sua elegante egreja, permanecia quasi deserto, porque só estava habitada a propriedade do seu mysterioso fundador.

A curiosidade publica era immensa; os commentarios sobre o designio do indiatico variavam desde os mais racionaes até aos mais absurdos.

Chegou o dia 15 de agosto, justamente anniversario da saida de Santiago para o Mexico, e justamente

---

[1] O *Archivo Rural* é redigido pelos srs. R. de Moraes Soares, J. I. Ferreira Lapa, S. Bernardo Lima, J. Maria Teixeira, Betamio de Almeida, todos quatro lentes do instituto agricola de Lisboa; I. Emilio Baptista, lente da eschola polytechnica.

Escriptorio, rua dos Douradores, 208. Assignatura de anno 3.600 rs., avulso 160. Sae duas vezes por mez.

dia em que se celebrava a festa da Virgem protectora do valle.

O indiatico, que assistia a todas as romarias, desceu tambem á egreja da Senhora da Assumpção, como quasi todos os habitantes das herdades visinhas.

O extenso nogueiral que cercava a egreja estava animadissimo. Por toda a parte gente dançando, ou merendando nos tapetes de flores campestres. Era quadro para ver-se, e digno de reproduzir-se na téla.

O indiatico dançou; e Catalina tambem dançou. Nas fraternaes romarias vasconças dançam pobres e ricos, pequenos e grandes, sem distincções nem precedencias. Todos folgam.

— Já dançámos, — disse Santiago a Catalina — agora é justo que merendemos.

E em seguida mandou preparar lauta merenda.

— Senhor, — exclamou Catalina — onde váe parar com toda essa magnificencia?!...

— Vou parar... ou antes, váe parar tudo isto ao estomago dos pobres que não tem para merendar esta tarde.

Santiago percorreu em seguida a romaria convidando a merendar com elle e sua familia, vinte e tantos ou trinta pobres moradores das casas dispersas nos altos de Ipenza.

A merenda foi animadissima.

— Muito bem, — disse o indiatico quando se concluiu — chegou a hora de irmos caminho de casa, porque Ipenza está distante, váe anoitecendo, e nem a minha familia nem eu somos valentes.

— Sr. Santiago, — disse o velho Ignacio, que tambem era do numero dos convidados — vamos todos acompanhal-o.

— Vamos todos! — exclamaram os convivas.

— Não se incommodem...

— Incommodar-nos! Cumprimos um dever. E não é o senhor o pae de nós todos!

O numeroso bando de romeiros tomou as costas de Ipenza.

Ao chegar lá, os pobres visinhos pararam a contemplar as novas casas e a egreja.

— Já que vieram até aqui, — disse-lhes o indiatico — vou mostrar-lhes em que gastei metade da riqueza que trouxe da America. Começaremos pela egreja.

O indiatico, seguido de Catalina e da ama, foi mostrando a egreja e as casas, uma por uma, aos attonitos aldeãos que as encontravam admiraveis.

Terminada esta visita, disse Santiago:

— Agora subam por um instante á nossa casa para beber uma gota do vinho especial que a Catalina guarda para estas occasiões.

— Pois sim, — disse Ignacio — bebel-a-hemos á sua saude, sr. Santiago, á de Catalina, á da ama, e á saude de todos, em fim, que o sr. é nosso pae e protector.

Todos tomaram logar na sala da antiga propriedade. Catalina desceu á adega e subiu com dois grandes cangirões de vinho que poz, com os necessarios copos, na grande mesa que havia no meio da sala, indo sentar-se em seguida, como louca, ao lado de Santiago.

O vinho começou a correr offerecido pela ama, decana da reunião, e auctora d'uma improvisada e appetitosa fritada. A alegria reinava em todos os rostos e em todos os corações.

Depois, o indiatico abriu uma arca e tirou d'ella trinta folhas de papel e um mólho de chaves.

— Ignacio! — disse em seguida, collocando sobre um dos papeis uma das chaves — aqui tendes a chave da vossa casa, e o titulo que vos considera proprietario d'ella e da herdade.

E successivamente foi dizendo analogas palavras e entregando iguaes objectos aos vinte e nove restantes.

Pódes suppor, virtuoso numen dos *contos de côr de rosa*, o sobresalto e alegria que vieram coroar a festa.

— É possivel que succedesse tudo quanto me contaste?

— É possivel. Creio, quando leio e quando escrevo, que tudo o possivel é certo; porém a certeza dos maus contos não está só na possibilidade. Não invento, copio do natural. Se a memoria me não falha... Mas desçamos ás Encartações; não quererás subir a Ipenza; seguiremos, pois, a estrada de Valmaseda, e dirijamos a vista para o noroeste. Alli, na falda de uma montanha, verás a linda aldeia de Talledo, e saberás que se fundou do mesmo modo que Ipenza.

Dizem que a alegria mata. Não mata; porque, se matasse, teriam morrido os aldeãos que Santiago reuniu em sua casa no dia da Assumpção. Nunca a alegria subiu mais alto do que então.

Catalina chorava, como todos, de prazer.

— Tambem tenho para ti uma chave, — disse-lhe Santiago em voz baixa.

Qual? — Perguntou-lhe Catalina no mesmo tom.

E Santiago murmurou-lhe ao ouvido com suave ternura:

— A do meu coração...

Catalina, a Jariega, a pobresinha, criada e educada por caridade, podia ter abrigado lisonjeiras esperanças de affecto; porém das esperanças áquella realidade havia immensa distancia. Certo que Santiago devia-lhe a salvação; porém quem tem a alma de Catalina não sabe o que lhe devem.

Catalina não achou uma palavra para expressar o que n'aquelle instante sentia; vozes da terra não podem expressar sentimentos do ceo. Apertou a mão de Santiago, pensou em Deus, desatou a chorar, e... nada mais.

Então Santiago, erguendo a voz, disse:

— Meus amigos, a 8 do mez que vem, festa tambem da Virgem Santissima, vos esperâmos aqui a todos, porque n'aquelle dia o sr. cura abençoará a egreja de Ipenza, e guardará no hyssope algumas gotas de agua benta para tambem abençoar a união de Catalina e Santiago.

— Abençoados sejam! abençoados sejam! — exclamaram os trinta novos proprietarios.

E foram-n'o; porque Deus abençoa os que gastam o seu dinheiro em obras santas, e quem sabe se tambem os que contam contos moraes.?

UM BANQUETE NO IMPERIO DO PRESTE JOÃO

(Vid. pag. 220)

Promettemos dar alguns extractos dos nossos auctores do seculo XVI, a respeito dos usos e costumes dos vassallos do Preste João, para se confrontarem com o que, a respeito d'elles, conta o moderno viajante inglez d'onde copiámos a estampa e noticia de um lauto banquete d'aquelles alarves, a pag. 221.

Desempenhando-nos da promessa, transcreveremos hoje, em primeiro logar, o que diz Balthasar Telles dos comes e bebes dos abexins, porque elle explica bem o que são os pãesinhos que aquelles semiselvagens põem na mesa ás duzias, e lhes servem de prato para alguns guizados. Chama-lhes ápas, palavra que não vem nos nossos diccionarios, apesar de trazerem tantas da lingua bunda.

Além de mui descriptivo, este trecho do padre da Companhia, é desenfastiado, não obstante se referir a comidas tão enjoativas.

Tem ainda outro merito, que é ser de um excellente classico da nossa lingua, aos quaes preferiremos sempre que tivermos de fazer alguma citação ou extracto, para que nas escolas se vá a mocidade familiarisando com a boa linguagem que todos devem adquirir e presar. Ouçamos o que diz o padre na já citada *Historia da Ethiopia*.

« Os abexins assentam-se ordinariamente no chão, os senhores sobre alcatifas, e os mais sobre esteiras, e d'aqui vem que tambem as suas mesas são rasteiras, e todas redondas, e sobre ellas não ha toalhas e muito menos guardanapos, lipam-se ás ápas, que são um modo de pão que fazem de varias farinhas, de trigo, milho, e grãos; d'estas ápas se enche a mesa, e sobre ellas, sem outros pratos, se põem as iguarias se é, como costumam, carne crua ou assada; porém se vem algum môlho de gallinha ou carneiro, ou as suas papas ordinarias, em que molham as ápas, é tudo isto em tigellas de barro preto, as quaes vem cobertas com umas escambiás, que são umas como carapuças de palha fina, e esta é a ordinaria baixella até nas mesas do imperador; e o que em Sicilia se via por novidade na mesa do rei Agatocles, o qual se prezava de comer em barro, aqui se vê cada dia na mesa d'estes imperadores. Aquelle, tendo muito oiro, em memoria do pae que fôra oleiro, comia em barro; mas estes, com se prezarem de ser cada um d'elles um sol na nobreza, folgam com o oiro, mas comem no barro.

A carne de vacca, que comem crua, chamam-lhe berindó, e é a iguaria que mais estimam. Lançam-lhe muito sal e muita pimenta, que a tem; e os mais graves se podem haver o fel da que se mata, tem n'elle um grande acipipe, e para se aproveitarem bem de tão preciosa, e para elles saborosa mostarda, dão muitos golpes na posta que tem diante de si, e sobre ella espremem bem este assucar em ponto, e depois de bem embebido então a comem: e tem o sabor tão afeito este fel, que, como se fosse mel, affirmam lhe dá grande sabor; mas eu lhes deixo a elles não menos os gabos que a usança d'este seu prezado regalo. Ainda na mesma vacca inventam outra mais estranha iguaria, que fazem do mais fino do interior das tripas, temperadas com seu sal e pimenta. E fica sendo para elles a melhor mostarda, e a mais desenfastiada salsa, a que chamam mantú, porém só principes e grandes senhores e reis usam d'este manjar real, que demanda muita pimenta, que nem todos tem; e eu tambem lhes escusára o mimo, posto que me sobejasse a pimenta.

Com estes seus manjares serem tão simples, e pouco industriosos, não é pequeno o trabalho que lhes causa para os apparelhar, porque como não tem moinhos, tudo moem á mão, e é officio tão proprio de mulheres, que até os escravos, por mais baixos que sejam, por nenhum preço tomarão esta occupação, como entre nós não admittem, nem os mais vis escravos, o fiarem n'uma roca. Moe uma mulher cada dia quanto baste para quarenta ou cincoenta ápas, as quaes se hão de fazer cada dia, porque no segundo já não prestam: e assim é uma canseira, e demanda muita fabrica de escravos e de lenha, assim o moer da farinha para as ápas que comem, como para a cerveja que bebem.

Esta lhes serve de vinho, e eis como Balthasar Telles diz que os abexins a fabricam:

« Tambem o seu vinho não é dos mais delicados Chios e preciosos Falernos de Italia, porque consta de cinco ou seis partes de agua, lançada em uma jarra, e uma parte de mel, com um punhado de cevada torrada que a faz ferver; e depois lhe lançam uns pedacinhos de certo pau, a que chamam sardó, o qual a qualifica de tal maneira, que em cinco ou seis dias modifica a doçura do mel, e ainda que não tem o gosto do nosso vinho, lhe leva a vantagem de ser mais sadio. Não bebem em quanto comem, senão depois de levantada a mesa, como muitos dos antigos usavam, que depois de retiradas as mesas entravam os copos. e isso fazem os abexins com tanta liberalidade e demasia, que é materia de espanto ver onde lhes cabe tanto; e d'aqui vem, que ainda que este modo de vinho de si é brandissimo, comtudo, em razão da muita quantidade, vem a ter os mesmos effeitos que o melhor da Europa, no particular de toldar a cabeça, soltar a lingua, e de enfraquecer os pés. »

Agora escutemos o que, ao mesmo respeito, diz o padre Francisco Alvares, no seu rarissimo livro do *Preste João*.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

PERGUNTA

Podemo-nos auctorisar com os seguintes exemplos de Vieira?

« Fallo comvosco, ó almas ditosas, que depois de *teres* offendido a Deus, vos tendes reconciliado com elle. » — *Serm.* t. 14. n. 420.

« Os homens, se *deres* por elles a vida, ainda que sejam reis e monarchas, assim como elles vol-a não deram, assim vol-a não podem restituir. » — *Idem.* t. 4. n. 521.

RESPOSTA

Não, porque os maus exemplos não se devem seguir.

Verificámos que até nas primeiras edições dos *Sermões* de Vieira vem estes e outros solecismos na conjugação dos verbos, talvez por descuido do revedor, mas contra as regras impreteriveis da grammatica não ha classico nenhum que possa prevalecer. E dissemos regras *impreteriveis*, porque algumas se podem preterir pelas concessões da syntaxe figurada, ou pelos idiotismos da lingua.

A regra, na conjugação dos verbos em grifo sobre que somos interrogados, é, *terdes*, na segunda pessoa plural do infinito pessoal, e não, *teres*, que designa a mesma pessoa no singular. E, por identica razão, *derdes*, e não *deres*.

Este solecismo está mui arreigado, principalmente na conversação e nos periodicos. E por tal modo anda o ouvido costumado a elle, que da falla passa imperceptivelmente para a escripta.

Ainda ha pouco, n'uma aula publica de primeiras letras, ouvimos nós estarem os alumnos aprendendo em côro o acto de contrição, dizendo todos nas barbas do mestre: « Peza-me, Senhor, de vos ter offendido por *seres* vós quem sois, etc. »

Se já n'aquella edade tinham offendido a Deus, a grammatica era offendida no proprio acto de contrição!

Mas este peccado dos pobres rapazitos era original, e o mestre é que lhes devia ministrar o baptismo da correcção, se, por ventura, elle sabe a lei que deve professar.

Importa, pois, que se extirpem estes erros, não só da escripta, mas da conversação tambem; e nas escholas primarias, sobre tudo, nas rezas e doutrina christã, em que se commettem erros vergonhosos.

Sendo uma das riquezas da nossa lingua, que outra nenhuma tem, poderem-se conjugar os infinitos dos verbos, por pessoas e numeros, devemos primar em não os viciarmos.

Explicação do enigma do numero antecedente

A existencia é o sonho da vida

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.